

UM MERGULHO NO HUMOR INDÍGENA: A LEITURA DOS CONTOS DE THOMAS KING E O ENSINO DA LITERATURA DE LÍNGUA INGLESA

Rubelise da Cunha¹

RESUMO: O objetivo deste artigo é demonstrar o potencial transformador do estudo das narrativas indígenas nos cursos de Literaturas de Língua Inglesa através da análise dos contos “A Coyote Columbus Story” (1993) e “A Short History of Indians in Canada” (2005). Ao recuperarem elementos das narrativas tradicionais dos Blackfoot, ao mesmo tempo em que situam o leitor no Canadá contemporâneo, os contos de King confirmam o humor indígena como um espaço estratégico e efetivo para construir conhecimento sobre o passado colonial do Canadá e repensar o país a partir das diferentes identidades culturais presentes em seu território. A inclusão dessas narrativas nos programas das disciplinas confirma a importância do ensino-aprendizagem da língua inglesa a partir de uma perspectiva transcultural.

Palavras-chaves: narrativas indígenas; ensino de literatura; Thomas King.

ABSTRACT: This article discusses the transformative potential of Indigenous narratives in courses on Literatures in English through the analysis of Thomas King’s short stories “A Coyote Columbus Story” (1993) and “A Short History of Indians in Canada” (2005). King’s short stories recover elements from Blackfoot traditional storytelling and situate the reader in contemporary Canada to confirm Native humor as a strategic and effective space to construct knowledge about colonial history and to rethink Canada according to the different cultural identities that are present in the country. The inclusion of such narratives in English course programs confirms the importance of teaching and learning English from a transcultural perspective.

Keywords: Indigenous storytelling; teaching literature; Thomas King.

¹ Rubelise da Cunha é doutora em Teoria da Literatura pela PUCRS, com pós-doutorado no Departamento de Inglês da Laurentian University (Sudbury, ON, Canadá). É Professora Adjunta de Literaturas de Língua Inglesa na Universidade Federal do Rio Grande (FURG), atuando no curso de Graduação em Letras Português-Inglês e no Programa de Pós-Graduação em Letras – História da Literatura. Também é vice-coordenadora do Núcleo de Estudos Canadenses da FURG e Editora-chefe da revista *Interfaces Brasil/Canadá*.

O trabalho com a língua inglesa, como com qualquer outra língua estrangeira, exige a abertura para o contato com a diferença. No estudo das literaturas de língua inglesa, o estranhamento pode ser ainda maior, visto que as diferenças culturais se acentuam quando nos movimentamos em universos pouco disseminados através da mídia de um mundo globalizado. Além das imposições culturais que circulam pela mídia, vivemos ainda sob a influência de um modelo de estudo da literatura pautado em uma tradição literária vinculada a um cânone eurocêntrico.

O estudo das literaturas de língua inglesa foi por muito tempo marcado pela imposição desse cânone. Como Andrew Sanders menciona em sua introdução à *Breve História da Literatura Inglesa (The Short Oxford History of English Literature)*, publicada pela Oxford University Press em 1994, a tentativa mais importante para fixar um cânone da literatura inglesa foi feita no final do século XIX por aqueles que introduziram o Inglês como uma disciplina acadêmica na Inglaterra (SANDERS, 2002, p. 7)². No entanto, como Sanders aponta, presenciamos um movimento de descentralização da literatura inglesa, o qual teve de seguir inevitavelmente o avanço da língua inglesa como uma língua mundial, falada e escrita por milhões de homens e mulheres que não possuem nenhuma outra conexão com a Inglaterra. É a partir desse posicionamento em relação à língua inglesa que os currículos universitários têm modificado os nomes das disciplinas, que tradicionalmente incluíam apenas a Literatura Norte-Americana, ou simplesmente Americana, como era o caso do currículo da Universidade Federal de Rio Grande (FURG) até 2012, e a Literatura Inglesa, para disciplinas que se intitulam “Literaturas de Língua Inglesa”, abrindo o espaço para o estudo de literaturas de diversos países nos quais a língua inglesa é uma língua oficial.

O estudo da Literatura Canadense foi intensificado no Brasil a partir da perspectiva de abertura do cânone e descentralização das literaturas de língua inglesa. País cujo passado histórico e político aponta para uma forte ligação política com o governo britânico, sem um movimento de independência como o observado nos Estados Unidos, o Canadá anglófono ainda negocia sua identidade a partir de uma relação complexa estabelecida com o Reino Unido, cuja rainha ainda é considerada a figura política mais importante do país se estiver em solo canadense, e com o poderoso vizinho de supremacia econômica, os Estados Unidos. Apesar de

² Tradução da autora do original em inglês.

ainda causar um grande estranhamento, visto que a introdução desta literatura ainda é uma novidade nos currículos universitários, o estudo da Literatura Canadense pode oferecer um ponto de diálogo muito favorável ao situarmos ambos os países, Canadá e Brasil, no eixo das Américas e de seu passado colonial em comum.

O estudo da obra literária do autor Thomas King é um convite para um exercício de descentralização e para um reconhecimento de nós mesmos enquanto herdeiros de um passado colonial. Além disso, aponta para um ponto inicial em nossas histórias literárias e culturais que antecede a presença europeia em solo americano. Thomas King é filho de um pai da nação indígena Cherokee e de uma mãe de ancestralidade grega e alemã. Nascido nos Estados Unidos, o autor é cidadão canadense, país em que vive há muitos anos e no qual desempenha não apenas a atividade de escritor, mas também de professor universitário, além de ter comandado o programa de rádio Dead Dog Café Comedy Hour na Canadian Broadcasting Corporation de 1997 a 2000. Apesar de sua ancestralidade indígena ser Cherokee, seus romances, contos e poemas retratam o universo dos Blackfoot na região da Província de Alberta, local em que viveu por muitos anos no Canadá quando foi professor no departamento de Estudos Indígenas da Universidade de Lethbridge.

Um dos pontos centrais no trabalho literário de King é desestabilizar as noções tradicionais ocidentais, ao inserir uma perspectiva a partir do ponto de vista indígena. Neste texto, abordarei de forma breve como o autor revisa o conceito de história, em inglês *history*, termo que originou a disciplina que por muito tempo deteve o poder de fixar verdades sobre o passado dos povos, em contraponto com o conceito de *story*, em português traduzido por estória ou história, ou seja, narrativas. A característica central no conceito ocidental de estória é não possuir um compromisso com a verdade factual. No entanto, o exercício de King é resgatar o sentido de estória a partir de uma perspectiva indígena, através da qual uma narrativa e o ato de narrar (*storytelling*) implicam muito mais do que a construção de uma ficção, já que, para nações como os Blackfoot, é através deste exercício que se constrói conhecimento. Ou seja, lições são aprendidas pelos ouvintes desta performance oral, cuja estrutura o autor resgata através de suas narrativas escritas.

Os dois contos de King a serem analisados demonstram como a literatura indígena pode constituir-se num campo de diálogo entre os gêneros

literários ocidentais e a tradição da contação de histórias (*storytelling*), cuja performance oral é a expressão mais antiga da construção de conhecimento nas comunidades indígenas. Em sua obra *The social life of stories: narrative and knowledge in the Yukon territory* (1990), a antropóloga canadense Julie Cruikshank explica como a história constitui muito mais do que as palavras pronunciadas ou a narrativa contada, já que possui um papel prático e fundamental nas vidas das pessoas. Ao se referir às histórias contadas pelas anciãs do território Yukon, afirma que “quando o potencial para conflito surge entre pessoas com perspectivas diferentes, uma resolução satisfatória frequentemente envolve demonstrar como uma história pode reformular uma questão divisória ao proporcionar um contexto mais amplo para avaliar tais questões” (1990, p. xv).

Nos contos de King, o resgate dessa perspectiva indígena da narrativa, oriunda das narrativas orais tradicionais, envolve também a recuperação do humor característico encontrado nessas histórias. Na literatura ameríndia, são vários os autores que incorporam o humor indígena em seus trabalhos e também discutem suas características específicas e sua função. O documentário *Redskins, Tricksters and Puppy Stew* (2000), narrado pelo escritor canadense Drew Hayden Taylor, de ancestralidade indígena Ojibway, aborda como o humor tem sido determinante para a reafirmação dos povos ameríndios no Canadá. Escritores, atores e comediantes indígenas destacam o quanto o humor funciona como uma estratégia para lidar com as tragédias vividas pelo impacto da colonização. Thomas King considera essa a sua estratégia política para ser ouvido e lido tanto pelo público não indígena do Canadá, quanto pelo público indígena.

Ao recuperar o humor das narrativas tradicionais orais, a ficção de King apresenta em sua estrutura e temática o personagem mítico do *trickster*, que possui um caráter ambíguo e instável. Ele é humano e animal, bondoso mas amoral, irresponsável e brincalhão, transformando-se conforme seus objetivos. Como seu próprio nome indica em inglês, ele prega peças, faz trapaças e brincadeiras, mas nem sempre sai ileso, podendo ser vítima de suas próprias armadilhas. Como pode ser criador e destruidor, herói e anti-herói, ele existe fora das oposições binárias de bem/mal, sagrado/profano. King utiliza o *trickster* a fim de recuperar a tradição oral indígena, como se verifica no conto “Uma história de Coiote sobre Colombo” (“A Coyote Columbus Story”), publicado no livro *One good story, that one*, de 1993. Neste conto, também publicado em 1992 como livro infantil, a Coiote fêmea, figura que já transgride a presença maior de *tricksters*

masculinos nas narrativas tradicionais, visita o narrador dizendo que vai a uma festa para as comemorações de Cristóvão Colombo, que nas palavras de Coiote, “é aquele que achou a América. É aquele que achou os índios” (KING, 1993, p. 123). O narrador indígena está ciente das perigosas consequências das ideias da Coiote, então ele conta uma outra versão da chegada de Colombo na América, muito diferente daquela que a Coiote encontrou no “grande livro de história vermelho”. Nesta versão, é a Velha Coiote que cria Colombo porque não presta atenção nos seus pensamentos. A Velha Coiote está chateada porque não tem ninguém com quem jogar. Ela havia criado os índios, mas eles desistiram de jogar com ela, pois sempre criava as regras e ganhava. Enquanto cantava, dançava, e pensava somente em jogar bola, ela acabou criando três navios, Colombo e seus companheiros. A história do narrador toma outra direção quando a invenção da Coiote toma vida própria: Colombo afirma que não quer jogar. Ele quer encontrar a China e ouro, ou alguma coisa que possa vender na Espanha. Já que não consegue encontrar ouro ou qualquer coisa de grande valor, decide levar alguns índios para a Espanha. A Velha Coiote não acredita em Colombo e pensa que ele está pregando uma peça. Enquanto ela ri, Colombo rouba todos os índios e parte, só então a Velha Coiote se dá conta de que Colombo falava sério e fica muito triste por não ter acreditado nele. No entanto, sua tristeza não dura muito. Como está apenas interessada em jogar e brincar, não se preocupa com os índios e não se dá conta das intenções capitalistas de Colombo, ficando muito feliz quando alguns gaios azuis aparecem para brincar.

Quando o narrador termina sua história, ele diz a Coiote que a América e os índios nunca foram achados porque nunca estiveram perdidos; eles sempre tiveram uma história própria, portanto a Coiote deveria ter cuidado para não confundir a história novamente. No momento em que Coiote pergunta quem achou a América e os índios, o narrador questiona o conceito de “descoberta”, dizendo que Colombo não encontrou nada porque não havia nada a ser encontrado. Os índios sempre estiveram em seu lugar, mas a história oficial nega o fato de que não houve nenhuma descoberta, já que não houve nenhuma perda. Entretanto, Coiote repete as atitudes egoístas da Velha Coiote. Ela quer ir à festa, então apenas ouve a parte da história que lhe permite continuar jogando e festejando. Como Colombo ficou rico e a Velha Coiote tinha alguém para brincar no fim da história, a Coiote acha que a história teve um “final feliz”. A última cena do conto mostra Coiote indo feliz à festa para Cristóvão Colombo, enquanto o

narrador ainda adverte que ela não deveria confundir a história novamente porque “este mundo já tem problemas suficientes sem um monte de pensamentos de coioote com rabos e pelego correndo em volta batendo uns nos outros” (KING, 1993, p.129)³.

A força de resistência deste conto opera através do discurso oral do narrador, e de como ele reinsere a performance oral para tentar combater a força do discurso escrito, representado pelo grande livro vermelho, que remete a um livro de história oficial. Como é característico das narrativas de *trickster*, Coioote não compreende a lição ao final, o que gera a necessidade de que as histórias continuem sendo contadas.

Ao longo da trajetória do autor, observamos sua preocupação constante com o questionamento da história oficial e com a inclusão de uma perspectiva indígena de história, como na coletânea de contos *A Short History of Indians in Canada*, publicada em 2005. No conto que intitula a obra, “Uma breve história dos índios no Canadá”, o autor recupera a estrutura da narrativa indígena tradicional para contar um episódio mais contemporânea sobre a presença indígena no Canadá. Organizado basicamente em diálogos, este conto de apenas quatro páginas inicia e termina com o diálogo entre um homem de negócios e o porteiro do King Eddie, o King Edward Hotel, localizado no distrito financeiro de Toronto. Sem uma marcação exata de diálogo, o conto recupera a fala de um narrador da oralidade:

Não consigo dormir, diz Bob Haynie ao porteiro do King Eddie. Não consigo dormir, não consigo dormir.
Primeira vez em Toronto? diz o porteiro.
Sim, diz Bob.
Executivo?
Sim.
Procurando diversão?
Sim.
Bay Street, senhor, diz o porteiro. (KING, 2005, p. 1)

Mesmo para o leitor familiarizado com a Bay Street como uma das ruas centrais da cidade de Toronto, a surpresa é inevitável quando nosso personagem se depara, ao sair do táxi, com índios que voam em direção a um prédio. Para sinalizar

³ Todas as citações dos contos de Thomas King foram traduzidas para o português pela autora do artigo.

o choque dos índios com o prédio, o narrador utiliza onomatopeias: “Smack! Smack!” (p. 1), assim como para descrever a queda e o choque com o chão: “Whup! Whup!” (p. 2). Impressionado, Bob desvia seu corpo dos índios que caem do céu. Atordoado com o inusitado espetáculo, é quase atropelado por um caminhão. Os ocupantes do veículo, Bill e Rudy, percebem que Bob está perdido e saem do veículo em seu auxílio. São eles que explicam a Bob as origens dos índios que caem do céu. Assustado, Bill indaga se uma índia Navajo que caiu está morta, mas Rudy e Bill respondem que a maioria deles está apenas em estado de choque. Bill explica que apesar de muitas pessoas não notarem, este é um fenômeno recorrente: “Um dos mistérios da natureza. Um fenômeno natural” (KING, 2005, p. 3). E Rudy complementa: “Eles são nômades você sabe, diz Rudy. E migratórios” (KING, 2005, p. 3). Também explicam que conseguem reconhecê-los pelas penas, de acordo com um livro que possuem, e que seu trabalho é coletar os corpos, conta-los e identifica-los: “Os mortos nós ensacamos, diz Rudy. Os vivos nós rotulamos, diz Bill” (KING, 2005, p. 3). São levados ao abrigo, tratados, e devolvidos à natureza. No final desta narrativa circular, Bob retorna ao hotel e conta ao porteiro que viu os índios: “Pensei que iria gostar, senhor, diz o porteiro./ Obrigada, diz Bob. Foi espetacular” (KING, 2005, p. 4). O porteiro encerra o conto com um suspiro, dizendo que hoje os indígenas são poucos, mas no passado cobriam todo o céu.

Nesta narrativa que recupera uma estrutura da oralidade, King utiliza uma estratégia cômica de estranhamento ao relatar o fantástico episódio de índios migratórios, descritos como se fossem pássaros, que voam em direção a Toronto e caem ao se chocarem com os prédios altos da maior cidade do Canadá. No entanto, este episódio fantástico de um texto ficcional retrata, de fato, o trágico movimento dos indígenas que se direcionam a Toronto em busca de melhores alternativas, mas colidem, ou seja, sofrem traumas ao se depararem com a dura realidade da cidade, vivendo na marginalidade. O episódio de coleta pode ser testemunhado no inverno canadense, quando as temperaturas ficam abaixo de 16 graus negativos e há a necessidade de recolher os moradores de rua para que não morram de hipotermia.

Ao reescrever episódios do passado relatados na história oficial, como a chegada de Colombo na América, ou ao retratar a realidade contemporânea dos indígenas no Canadá, King recupera a estrutura das narrativas tradicionais dos Blackfoot, marcadas fortemente pelo humor das narrativas de Coiote, a fim de estabelecer um canal de comunicação com o leitor através do humor. Nas

experiências nas aulas de Literaturas de Língua Inglesa, a inclusão de “Uma história de Coiote sobre Colombo” funciona como uma forma de restabelecer um ponto inicial para a história das literaturas de língua inglesa, ao fazer com que o aluno perceba a presença indígena, e com ela a presença de uma literatura anterior à chegada dos colonizadores europeus, deslocando o eixo de estudo das literaturas de uma perspectiva pautada na tradição eurocêntrica. Enquanto a história da chegada de Colombo é familiar aos estudantes, a história da presença indígena na América do Norte contemporânea ainda é ofuscada pelo discurso de apagamento, o qual menciona os habitantes ameríndios apenas como parte de um passado distante. É esse discurso que impede a visibilidade dos indígenas que chegam a Toronto em “Uma breve história dos índios no Canadá”. Seu apagamento não ocorre apenas pela diminuição do número de indígenas por óbitos, mas também através do apagamento psicológico através das políticas de discriminação e assimilação cultural, vivenciadas por muito tempo pelos indígenas do Canadá, cujos resultados ainda são percebidos no empenho constante de resgate e afirmação da autoestima dos primeiros habitantes do país.

A leitura e o estudo desses dois contos de King descentraliza o estudo das literaturas de língua inglesa ao expandir as percepções do estudante de inglês em relação ao universo cultural e identitário que pode ser revelado nas narrativas em língua inglesa. Outro fator de extrema importância é que o estudo da literatura indígena canadense produz um espelho em que vemos também refletida a história literária e cultural de nosso país. Nossa dívida com o apagamento da presença indígena e a desvalorização dos povos indígenas e de sua cultura é hoje refletida nas políticas afirmativas do Governo Federal, através das quotas para inclusão de indígenas e afrodescendentes nas universidades públicas. Resta saber se aprenderemos a nos ver e a redefinir nossa cultura e identidade a partir de um marco anterior à chegada dos colonizadores, ou se continuaremos apenas reconhecendo o outro, através de rótulos, num exercício de observação do espetáculo do exótico, que nos faz continuar vivendo no distanciamento.

Referências

CRUIKSHANK, Julie. **The social life of stories: narrative and knowledge in the Yukon territory**. Vancouver: UBC Press, 1998.

_____ **Um mergulho no humor indígena: A leitura dos contos de thomas king e o ensino da literatura de língua inglesa**

KING, Thomas. A short history of Indians in Canada. **A short history of Indians in Canada**. Toronto: Harper Collins, 2005.

_____. A Coyote Columbus story. **One good story, that one**. Toronto: Harper Collins, 1993.

SANDERS, Andrew. **The Short Oxford History of English Literature**. Oxford: Oxford University Press, 2002.

